

LISA KLEYPAS

MAIS UMA VEZ,

o amor



MAIS UMA VEZ,
o amor

Título original: *Again the Magic*

Copyright © 2004 por Lisa Kleypas
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues
preparo de originais: Marina Góes
revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha
diagramação: Abreu's System
capa: Renata Vidal
imagem de capa: Ilina Simeonova / Arcangel
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K72m

Kleypas, Lisa, 1964-

Mais uma vez, o amor / Lisa Kleypas ; tradução Ana Rodrigues. – 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2022.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Again the magic*
ISBN 978-65-5565-293-2

1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

22-76084

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Capítulo 1

Hampshire, 1832

Um cavaliço não deveria sequer *falar* com a filha de um conde, imagine subir até a janela do quarto dela. Sabe lá Deus o que aconteceria se ele fosse pego. Provavelmente seria chicoteado antes de ser expulso da propriedade.

McKenna escalou uma coluna de apoio, passou os longos dedos ao redor das grades de ferro forjado da varanda do segundo andar e ficou suspenso no ar por um instante antes de jogar as pernas para cima com um grunhido de esforço. Conseguiu pousar um calcanhar no chão da varanda, ergueu o corpo e passou por cima da grade para entrar.

Então se agachou diante das portas francesas e protegeu os olhos com as mãos para tentar enxergar o interior do quarto, onde havia uma única lamparina acesa. Uma moça estava sentada diante da penteadeira, escovando os longos cabelos escuros. A imagem provocou uma onda de prazer em McKenna.

Lady Aline Marsden... a filha mais velha do conde de Westcliff. Era uma jovem simpática, bem-humorada e bonita em todos os sentidos. Os pais lhe haviam concedido liberdade demais. Aline passara a maior parte de sua ainda breve vida vagando pela luxuosa propriedade da família em Hampshire. Lorde e lady Westcliff estavam muito envolvidos com a própria vida social para se dedicar à criação dos três filhos. A situação não era incomum para famílias que moravam em propriedades rurais como Stony Cross Park. Suas vidas eram determinadas pelo tamanho da propriedade, já que as crianças comiam, dormiam e brincavam bem longe dos pais. Além disso, a responsabilidade parental não tinha o efeito de gerar nenhum vínculo entre o conde e a condessa. Nenhum dos dois se sentia muito inclinado a se

preocupar com uma criança que era o produto de uma união conveniente e sem amor.

Por uma década inteira, desde o dia em que McKenna fora levado à propriedade, aos 8 anos, ele e Aline tinham sido bons companheiros: subiam em árvores, nadavam no rio e corriam descalços. Ninguém dava muita atenção à amizade dos dois, porque eram crianças. Mas, com o tempo, as coisas começaram a mudar entre eles. Nenhum jovem saudável ficaria apático diante de Aline, que, aos 17 anos, havia se tornado a jovem mais linda do mundo.

Naquele momento, ela já estava pronta para dormir e usava uma camisola de algodão branco enfeitada com babados intrincados. À medida que caminhava pelo quarto, a luz da lamparina destacava as curvas generosas de seus seios e quadris através do tecido fino e deslizava pelos cachos sedosos do cabelo preto. A beleza de Aline era do tipo que fazia o coração parar e a respiração ficar presa no peito. Só aquele tom de pele, que contrastava com os olhos e os cabelos, já garantiria uma grande beleza. Mas além disso os traços dela eram delicados e perfeitos, e pareciam perpetuamente iluminados pelo esplendor de emoções de intensidade incontrolável. E, como se tudo isso não bastasse, a natureza acrescentara um último floreio: um sinalzinho preto no canto da boca. McKenna tinha fantasiado inúmeras vezes beijar aquela marquinha tentadora e deslizar a boca até as curvas exuberantes dos lábios de Aline. Então beijá-la e beijá-la, até deixá-la fraca e trêmula em seus braços.

Em mais de uma ocasião, ele se perguntara como um homem com a aparência comum do conde e uma mulher de beleza mediana como a condessa haviam sido capazes de gerar uma filha como Aline. Por algum capricho do destino, ela herdara a combinação certa de características. O filho deles, Marcus, tinha sido um pouco menos afortunado e era parecido com o pai, com seu rosto largo e de feições duras e a constituição física de um touro. A pequena Livia – supostamente fruto de um dos casos extraconjugais da condessa – até que era bonita, mas não tinha o feitiço radiante da irmã.

Enquanto observava Aline, McKenna refletiu que se aproximava rapidamente o tempo em que não poderiam mais ter relação nenhuma. A familiaridade entre eles logo se tornaria perigosa, se já não era. Ele se recompôs e bateu com delicadeza na vidraça das portas francesas. Aline se virou ao ouvir a batida e não demonstrou surpresa ao vê-lo. McKenna ficou ali de pé, fitando-a com intensidade.

Ela cruzou os braços e o encarou com a testa franzida. *Vá embora*, disse apenas com o movimento dos lábios. McKenna achou graça e, ao mesmo tempo, sentiu-se consternado, perguntando-se o que será que havia feito. Até onde sabia, não tinha se envolvido em nenhuma travessura, não pregara nenhuma peça nem havia discutido com Aline. Como recompensa, naquela tarde fora deixado esperando na beira do rio, sozinho, por duas horas.

McKenna balançou a cabeça teimosamente e permaneceu onde estava. Então se abaixou para sacudir a maçaneta da porta em um aviso sutil. Ambos sabiam que, se fosse descoberto, o peso das consequências recairia sobre ele. E por essa razão – para preservá-lo – Aline destrancou a porta com relutância e abriu-a. McKenna não pôde deixar de sorrir ao constatar o sucesso de seu estratagema, mesmo vendo que ela continuava emburrada.

– Você esqueceu que tínhamos um encontro marcado hoje à tarde?
– perguntou ele sem preâmbulos, segurando a beira da porta com uma das mãos.

Ele encostou o ombro no batente de madeira estreito e sorriu ao encarar aqueles olhos castanho-escuros. Mesmo quando McKenna se curvou, Aline precisou erguer bastante a cabeça para encontrar seu olhar.

– Não, eu não esqueci – disse ela, e a voz que normalmente era leve e doce estava carregada de mau humor.

– Então onde você estava?

– Faz alguma diferença?

McKenna inclinou a cabeça e se perguntou brevemente por que as moças gostavam de fazer aquele tipo de joguinho. Como não conseguiu chegar a uma resposta razoável, decidiu aceitar o desafio.

– Eu pedi que me encontrasse no rio porque queria ver você.

– Achei que você tivesse mudado de ideia, já que aparentemente prefere a companhia de outra pessoa.

Ao ver a expressão interrogativa de McKenna, Aline fez um beicinho de impaciência.

– Eu vi você no vilarejo hoje de manhã, quando fui à chapelaria com a minha irmã.

Em resposta, McKenna assentiu com cautela, lembrando-se de que havia sido mandado até o sapateiro pelo chefe dos cavaleiros, para deixar algumas

botas que precisavam de conserto. Mas por que diabo isso teria deixado Aline tão contrariada?

– Ah, não se faça de tonto! – exclamou ela. – Eu vi você com uma das moças do vilarejo. E você a *beijou*. Bem no meio da rua, para todo mundo ver!

As feições dele se desanuviaram na hora. Era verdade. A moça era Mary, a filha do açougueiro. McKenna havia flertado com ela naquela manhã, como fazia com a maior parte das moças que conhecia, e Mary implicara com ele por uma coisa e outra até que ele começara a rir e roubara um beijo dela. Não havia significado nada nem para ele nem para Mary, e McKenna logo esquecer o incidente.

Então esse era o motivo da irritação de Aline: ciúme. McKenna tentou conter o prazer que essa descoberta lhe provocou, mas continuou a senti-lo como um peso reconfortante dentro do peito. Inferno... Ele balançou a cabeça com pesar enquanto se perguntava como lembrá-la do que ela já sabia: que uma filha da nobreza não deveria se importar nem um pouco com o que ele fazia.

– Aline – disse McKenna, levantando a mão para tocá-la, mas recuando –, o que faço com outras moças não tem nada a ver conosco. Você e eu somos amigos. Nós nunca faríamos... Você não é o tipo de moça que eu... Mas que droga, não preciso lhe explicar o óbvio!

Aline olhou para ele com uma expressão que McKenna nunca vira antes, os olhos castanhos carregados de uma intensidade que fez os pelos na sua nuca se arrepiarem.

– E se eu fosse uma moça do vilarejo? – perguntou ela. – Você faria a mesma coisa comigo?

Foi a primeira vez que McKenna se viu sem palavras. Ele tinha um talento especial para saber o que as pessoas queriam ouvir e geralmente achava vantajoso agradá-las. Seus modos encantadores, que usava com facilidade, já o haviam ajudado muito, fosse para conseguir um pãozinho da esposa do padeiro ou para se livrar de uma repreensão do chefe do estábulo. Mas em relação à pergunta de Aline... responder sim ou não era infinitamente mais perigoso.

Em silêncio, McKenna procurou uma meia verdade que a acalmasse.

– Eu não penso em você dessa maneira – disse ele por fim, forçando-se a encontrar o olhar dela.

– Outros rapazes pensam. – Diante da expressão apática dele, Aline con-

tinuou, no mesmo tom: – Na semana passada, quando os Harewoods nos visitaram, o filho deles, William, me encurralou contra o muro de pedra no penhasco e tentou me beijar.

– Aquele arrogantezinho nojento!

McKenna ficou imediatamente furioso ao se lembrar do rapaz atarracado e sardento que não fizera o menor esforço para disfarçar seu fascínio por Aline.

– Vou arrancar a cabeça dele na próxima vez que o vir. Por que você não me contou?

– Ele não foi o único que tentou – declarou Aline, colocando deliberadamente mais lenha na fogueira. – Não faz muito tempo, meu primo Elliot me desafiou para uma disputa de beijos com ele...

Aline deu um leve suspiro quando McKenna a segurou pelo braço.

– Maldito seja o seu primo Elliot – disse ele, ríspido. – Malditos sejam todos eles.

Tocá-la foi um erro. A sensação dos braços de Aline, da pele suave e quente, deu um nó no âmago de McKenna. Ele precisava de mais, precisava chegar mais perto e inebriar os sentidos com o perfume dela... o aroma de sabonete da pele recém-lavada, um leve toque de água de rosas, o sopro íntimo do seu hálito. Todos os instintos de McKenna imploravam que ele a puxasse para mais perto e colasse a boca na curva aveludada daquela nuca. Em vez disso, ele se forçou a soltá-la e deixou as mãos erguidas no ar. Era difícil se mexer, respirar, pensar com clareza.

– Eu não deixei ninguém me beijar – declarou Aline. – Eu quero você... só você. – A voz dela agora tinha um tom melancólico. – Mas, nesse ritmo, terei 90 anos antes que você sequer tente me beijar.

McKenna foi incapaz de ocultar o desejo em seus olhos enquanto a encarava.

– Não, Aline. Um beijo mudaria tudo, e não posso permitir que isso aconteça.

Aline estendeu a mão com cautela para tocar o rosto dele com a ponta dos dedos. A mão dela era quase tão familiar para McKenna quanto a sua própria. Ele sabia o que provocara cada pequena cicatriz, cada corte. Na infância, a mão de Aline era gorducha e vivia suja. Agora era esguia e branca, as unhas bem-cuidadas. A tentação de colar os lábios na palma macia beirava o insuportável. Em vez disso, McKenna enrijeceu o corpo para ignorar a carícia dos dedos de Aline em seu maxilar.

– Eu reparei no modo como você passou a me olhar ultimamente – disse Aline, o rubor se intensificando no rosto alvo. – Conheço os seus pensamentos, assim como você conhece os meus. E diante de tudo que sinto por você, de tudo que você significa para mim... não posso ter ao menos um momento de... de... – Ela tentou encontrar a palavra certa. – Ilusão?

– Não – retrucou McKenna. – Porque a ilusão logo acabaria e nós dois estaríamos em uma situação pior.

– Estaríamos mesmo?

Aline mordeu o lábio e desviou os olhos, os punhos cerrados como se pudesse lutar fisicamente contra a verdade desagradável que pairava entre eles.

– Eu prefiro morrer a magoar você – declarou McKenna, em um tom solene. – E se eu me permitisse beijá-la uma vez, haveria uma segunda vez, e mais uma, e logo não haveria como parar.

– Você não tem como saber... – começou Aline.

– Sim, eu tenho.

Os dois se encararam, desafiando-se sem palavras. McKenna permaneceu inexpressivo. Conhecia Aline bem o bastante para ter certeza de que se ela detectasse qualquer vulnerabilidade em sua determinação, o atacaria sem hesitar. Finalmente, Aline deixou escapar um suspiro de derrota.

– Está certo, então – sussurrou ela, como se falasse para si mesma.

E pareceu endireitar o corpo ao retomar o discurso, o tom agora desanimado, resignado.

– Vamos nos encontrar no rio amanhã, ao pôr do sol, McKenna? Podemos jogar pedras na água, conversar e pescar um pouco, o de sempre. É isso que você quer?

Passou-se um tempo antes que McKenna conseguisse responder.

– Isso – disse ele por fim, com cautela.

Aquilo era o máximo o que ele poderia ter dela... e Deus sabia que era melhor do que nada. Um sorriso irônico e afetuoso curvou os lábios de Aline, que o fitava intensamente.

– Agora é melhor você ir embora antes que o vejam. Mas, antes, se abaixe e me deixe arrumar seu cabelo. Está arrepiado no alto.

Se não estivesse tão distraído, McKenna teria argumentado que não havia necessidade de ela cuidar da aparência dele. Afinal, voltaria para seu quarto acima dos estábulos e as cinco dúzias de cavalos alojados lá não se

importavam nem um pouco com o cabelo dele. Mas McKenna se curvou automaticamente, satisfazendo o desejo de Aline por pura força do hábito.

Em vez de alisar os cachos negros indisciplinados de McKenna, Aline ficou na ponta dos pés, passou a mão ao redor do seu pescoço e colou a boca à dele.

Foi como ser atingido por um raio. McKenna deixou escapar um som estrangulado e todo o seu corpo ficou subitamente imóvel, dominado por um choque de prazer. Deus do céu, os lábios de Aline, tão sensuais e delicados, explorando os dele com uma determinação desajeitada. Como ela certamente imaginara, nem Deus nem o diabo o fariam se afastar. McKenna sentiu os músculos travarem e ficou parado, passivo, se esforçando para conter a torrente de sensações que ameaçava dominá-lo. Ele amava Aline e a desejava com a ferocidade cega da adolescência. Seu autocontrole trêmulo durou menos de um minuto antes que ele soltasse um gemido de derrota e passasse os braços ao redor da cintura dela.

Implacável, McKenna beijou Aline várias vezes, inebriado pela suavidade daqueles lábios. Ela retribuiu os beijos com a mesma intensidade, ficando na ponta dos pés e emaranhando os dedos nos cabelos curtos dele. O prazer de abraçá-la era forte demais... McKenna não conseguiu evitar aumentar a intensidade dos beijos até os lábios dela se abrirem inocentemente. Ele aproveitou a oportunidade na mesma hora e começou a explorar a umidade aveludada daquela boca. Aquilo a surpreendeu. McKenna sentiu a hesitação dela e sussurrou baixinho até senti-la relaxar. Então deslizou a mão pela nuca de Aline, os dedos moldando a linha dos cabelos enquanto a língua adentrava mais profundamente em sua boca. Aline arquejou e agarrou os ombros dele com força, reagindo com uma sensualidade primitiva e inconsciente que o devastou. McKenna queria beijar e amar cada pedacinho dela, queria fazê-la sentir mais prazer do que era possível suportar. Já havia conhecido o desejo antes e, embora sua experiência fosse limitada, ele não era virgem. Mas nunca havia se deparado com aquela mistura desesperadora de emoção e desejo físico... uma tentação a que jamais poderia se render.

McKenna encerrou o beijo e enfiou o rosto no véu de cabelos sedosos e muito pretos de Aline.

– Por que você fez isso? – perguntou em um gemido.

A risada breve de Aline deixou claro o anseio que sentia.

– Porque você é tudo para mim – disse ela. – Eu te amo. Eu sempre...

– Shhhh.

McKenna a sacudiu ligeiramente para silenciá-la. Segurou-a a certa distância e fitou seu rosto corado e radiante.

– Nunca mais diga isso. Caso contrário, irei embora de Stony Cross.

– Vamos fugir juntos – insistiu ela, ousada. – Para um lugar onde ninguém consiga nos encontrar...

– Meu Deus, você tem ideia de como isso é insano?

– Insano por quê?

– Você acha que eu arruinaria a sua vida dessa maneira?

– Mas eu sou sua – insistiu Aline. – Farei o que for preciso para estar com você.

Ela acreditava no que estava dizendo, McKenna viu isso em seu rosto. Aquilo partiu seu coração, embora também o enfurecesse. Maldição! Aline sabia que as diferenças entre eles eram intransponíveis e precisava aceitar isso. Ele não poderia continuar ali, diante daquela tentação constante, ciente de que ceder seria a ruína de ambos.

McKenna segurou o rosto dela entre as mãos, deixou os dedos tocarem as extremidades das sobrancelhas escuras, passou os polegares por sua pele aveludada. E, como não era capaz de disfarçar a reverência no toque, falou com frieza:

– Você acha que me quer agora, mas vai mudar de opinião. Algum dia vai achar muito fácil se esquecer de mim. Eu sou um ninguém. Um criado, e ainda por cima um criado de baixa categoria...

– Você é o homem da minha vida.

McKenna ficou tão chocado que não soube o que dizer, apenas fechou os olhos. E odiou a reação instintiva às palavras dela, o coração disparando de alegria.

– Aline, por favor. Assim será impossível, para mim, continuar em Stony Cross.

Ela se afastou na mesma hora, a cor se esvaindo de seu rosto.

– Não! Não vá. Desculpe. Não vou falar mais nada. Por favor, McKenna... Você vai ficar, não vai?

McKenna teve uma breve amostra da dor inevitável que algum dia experimentaria, das feridas incuráveis que resultariam do simples ato de deixá-la. Aline tinha 19 anos... Ele teria mais um ano na companhia dela, talvez nem isso. Então o mundo se abriria para a jovem aristocrata e ele se tornaria um

risco. Ou, pior, um constrangimento. Aline se obrigaria a esquecer aquela noite. Não gostaria de se lembrar do que dissera a um cavaliço à luz do luar, na varanda de seu quarto. Mas até lá...

– Ficarei o tempo que eu puder – retrucou McKenna, mal-humorado.

A ansiedade cintilou nas profundezas escuras dos olhos dela.

– E amanhã? – lembrou Aline. – Você vai me encontrar amanhã?

– No rio, ao pôr do sol – confirmou McKenna, subitamente cansado do interminável debate interno entre querer e nunca ter.

Aline pareceu ler a mente dele.

– Eu sinto muito.

Seu sussurro angustiado caiu pelo ar com a suavidade de pétalas ao vento enquanto ele descia da varanda.



Depois que McKenna desapareceu nas sombras, Aline voltou para dentro do quarto e tocou os lábios com a ponta dos dedos, tentando fazer a pele macia absorver mais ainda o beijo. A boca dele era surpreendentemente quente, com um sabor doce e intenso, e o hálito tinha o perfume das maçãs que McKenna provavelmente roubara do pomar. Aline havia imaginado milhares de vezes como seria beijá-lo, mas nada poderia tê-la preparado para a sensualidade do que experimentara.

Sua intenção era fazer com que McKenna a reconhecesse como mulher e ela finalmente conseguira isso. Mas, no fim, o momento não fora de triunfo; tinha sentido apenas um desespero tão cortante quanto a lâmina de uma faca. Sabia que McKenna achava que ela não compreendia a complexidade da situação, quando na verdade ela sabia melhor do que ele.

Desde o berço, a ideia de que as pessoas não se aventuravam fora da classe social a que pertenciam lhe fora inculcada de forma implacável. Jovens como McKenna seriam sempre proibidos para ela. Todos, do topo à base da pirâmide social, entendiam e aceitavam essa estratificação – era motivo de desconforto universal a mera sugestão de que algum dia as coisas viessem a ser de outra forma. Ela e McKenna poderiam muito bem ser de espécies diferentes, pensou com um humor amargo.

Mas, por algum motivo, Aline não conseguia vê-lo como todos viam. Ele não era um aristocrata, mas também não era um mero cavaliço. Se tivesse

nascido em uma família de linhagem nobre, certamente seria o orgulho da nobreza. Era injusto demais que o rapaz tivesse começado a vida com tantas desvantagens. McKenna era bonito, inteligente, trabalhador, mas jamais conseguiria superar as limitações sociais com as quais nascera.

Aline se lembrou do dia em que ele chegara a Stony Cross Park, um menino com o cabelo preto mal cortado e olhos que não eram nem azuis nem verdes, mas de algum tom mágico entre as duas cores. Segundo as fofocas dos criados, era filho bastardo de uma jovem do vilarejo que, ao se ver em uma situação difícil, fugira para Londres e acabara morrendo no parto. O pobre bebê tinha sido mandado de volta para o vilarejo de Stony Cross, onde os avós cuidaram dele até adoecerem. Quando McKenna fez 8 anos, foi enviado para Stony Cross Park e ali passou a trabalhar como faz-tudo. Suas funções eram limpar os sapatos dos criados de posição superior, ajudar as criadas a subir e descer as escadas carregando baldes pesados de água quente e lavar as moedas de prata que chegassem da cidade, para evitar que o conde e a condessa tivessem contato com qualquer vestígio de sujeira das mãos de um comerciante.

Seu nome completo era John McKenna, mas já havia três outros criados na propriedade chamados John. Fora decidido, então, que o menino seria chamado pelo sobrenome até que um novo nome fosse escolhido para ele... mas a ideia acabara esquecida e ele vinha sendo tratado simplesmente como McKenna desde então. A princípio, a maioria dos criados prestou pouca atenção nele, com exceção da governanta, a Sra. Faircloth. Era uma mulher de rosto largo, bochechas rosadas e bom coração, e a coisa mais próxima de uma figura materna que McKenna já conhecera. Na verdade, até Aline e sua irmã mais nova, Livia, preferiam recorrer à Sra. Faircloth a abordar a própria mãe. Por mais ocupada que estivesse, a governanta parecia sempre dispor de um momento para atender uma criança, enfaixar um dedo machucado, admirar um ninho de pássaro vazio encontrado no jardim ou colar um brinquedo quebrado.

Era a Sra. Faircloth quem às vezes dispensava McKenna de seus deveres para que ele pudesse correr e brincar com Aline. Aquelas tardes tinham sido a única fuga do menino da existência anormalmente restrita que levava como uma criança que já trabalhava.

– Seja gentil com ele – ordenou a Sra. Faircloth a Aline quando a menina a procurara para reclamar que McKenna havia quebrado seu carrinho de

boneca de vime. – Ele não tem família, nem roupas bonitas para vestir, nem coisas boas para comer no jantar, como você. Na maior parte do tempo, enquanto você está brincando, ele está trabalhando para se sustentar. E se McKenna cometer muitos erros ou for considerado um menino mau, ele pode ser mandado embora e nunca mais o veremos.

Essas palavras tocaram Aline profundamente. Desde então, ela procurara proteger McKenna, assumindo a culpa por qualquer travessura ocasional, compartilhando os doces que o irmão mais velho às vezes trazia da cidade e até mesmo fazendo-o estudar as lições que a governanta lhe passava. Em troca, McKenna a ensinou a nadar, a lançar pedras no lago, a montar a cavalo e a fazer um apito com uma folha de grama esticada entre os polegares.

Ao contrário do que todos – inclusive a Sra. Faircloth – acreditavam, Aline nunca pensara em McKenna como um irmão. O afeto fraterno que sentia por Marcus não tinha nenhuma semelhança com seu relacionamento com McKenna – que era sua contraparte, sua bússola, seu refúgio.

Foi natural que, à medida que se tornava uma jovem mulher, Aline se sentisse fisicamente atraída por ele. E o mesmo devia acontecer com todas as outras mulheres em Hampshire. McKenna se tornara um homem alto, de ossos largos e aparência impressionante, feições fortes, o nariz longo e ousado, a boca larga. O cabelo preto vivia caído sobre a testa, os olhos turquesa singulares eram sombreados por extravagantes cílios escuros. Para aumentar seu poder de atração, ele se portava com um misto de charme descontraído e senso de humor astuto, o que o tornava um queridinho na propriedade e no vilarejo inteiro.

O amor de Aline por McKenna a fazia desejar o impossível – estar sempre com ele, se tornar a família que ele nunca tivera. Em vez disso, teria que aceitar a vida que seus pais escolheram para ela. Embora os casamentos por amor entre as classes superiores não fossem mais tão questionáveis como antes, os Marsdens ainda insistiam na tradição do casamento arranjado. Aline sabia exatamente o que estava reservado para ela. Teria um marido aristocrático indolente, que a usaria para gerar seus filhos e que faria vista grossa quando ela arrumasse um amante com quem se divertiria na ausência dele. Todos os anos, ela passaria a temporada social em Londres, seguida por visitas a casas de campo no verão e caçadas no outono. Ano após ano, veria os mesmos rostos, ouviria as mesmas intrigas. Até mesmo os prazeres

da maternidade lhe seriam negados. Os criados cuidariam de seus filhos, que, quando crescessem um pouco, seriam mandados para algum internato, como acontecera com Marcus.

Décadas de vazio, pensou Aline, abatida. E o pior de tudo seria saber que McKenna estaria em algum lugar, confiando a outra mulher todos os seus pensamentos e sonhos.

– Meu Deus, o que devo fazer? – murmurou Aline.

Agitada, deixou-se cair na cama coberta de brocado. Abraçou com força um travesseiro e enterrou o queixo na maciez fofa, enquanto pensamentos inconsequentes ecoavam em sua mente. Não podia perdê-lo. A mera ideia a deixava trêmula, tomada por uma energia insana que lhe dava vontade de gritar.

Aline deixou o travesseiro de lado, deitou-se de costas e ficou olhando cegamente para as dobras escuras do dossel. Como poderia manter McKenna em sua vida? Tentou se imaginar tomando-o como amante depois de casada. A mãe dela tinha casos... assim como muitas damas aristocráticas. E, desde que fossem discretas, ninguém se opunha. Mas Aline sabia que McKenna jamais concordaria com esse tipo de arranjo. Para ele, nada era pela metade; não aceitaria dividi-la. Ele era um criado, sim, mas era tão orgulhoso e possessivo quanto qualquer homem na face da terra.

Aline não sabia o que fazer. Aparentemente, sua única escolha era aproveitar cada momento que pudesse para estar com ele, até que o destino os separasse.

CONHEÇA OS LIVROS DE LISA KLEYPAS

De repente uma noite de paixão
Mais uma vez, o amor

OS HATHAWAYS

Desejo à meia-noite
Sedução ao amanhecer
Tentação ao pôr do sol
Manhã de núpcias
Paixão ao entardecer
Casamento Hathaway (e-book)

AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

Segredos de uma noite de verão
Era uma vez no outono
Pecados no inverno
Escândalos na primavera
Uma noite inesquecível

OS RAVENELS

Um sedutor sem coração
Uma noiva para Winterborne
Um acordo pecaminoso
Um estranho irresistível
Uma herdeira apaixonada
Pelo amor de Cassandra
Uma tentação perigosa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

